

## O que separa as bundas, das freiras ???

### “Em tempos de peregrinações, freiras dividem praia com turistas no Rio.”



Rio 2013. Domingo, 28 de Julho. Praia de Copacabana. Jornada Mundial da Juventude. Papa Francisco I e sua primeira viagem internacional. Freiras e bundas à mostra em plena praia no Rio de Janeiro. Sinal de novos tempos para a Igreja Católica? O que realmente separa estas bundas daquelas freiras? Ou, aquelas freiras, destas bundas? Como diria o bilionário Bil Gates: “uma imagem vale mais que mil palavras”. E esta, então, revela que o

fotógrafo foi muito, mais muito feliz mesmo, neste momento ímpar onde conseguiu captar, num primeiro plano, uma visão bem brasileira (**bundas** à mostra) e, ao **fundo** (perdoem-me pelo trocadilho infame) uma imagem secular de duas freiras com seus hábitos, contrastando com os novos hábitos do Papa Francisco. Como por exemplo, embarcar no avião com a mala nas mãos, ou então, pagar a conta do hotel onde se hospedou, ou então abdicar de trajes pomposos usados por todos os seus antecessores na história da Igreja Católica? Ou então, indo ou pouco mais além, desfilar em um carro relativamente simples, e, ainda por cima com a janela aberta? Não é a toa que estes pequenos atos já lhe renderam a alcunha de “O Papa do povo”. O contraste entre o profano e o divino apresentados assim em uma única imagem simplesmente me fascinam! E eu fico assim, meio embasbacado, olhando essa imagem e pensando milhões de coisas a tentando saber para onde caminha a humanidade. Simplesmente uma obra de arte. Um momento feliz do fotógrafo. Alguém poderia me dizer com clareza onde está o profano e onde está o divino nesta imagem? O respeitado teólogo brasileiro Leonardo Boff já dizia em uma de suas obras (Jesus Cristo Libertador) que: “Jesus teve que ser muito humano pra chegar a ser divino”. E um turbilhão de pensamentos passam pela minha cabeça tentando compreender esse momento. É como se as donas dessas bundas não possuíssem fé/espiritualidade. Ou, como se as freiras vestidas naqueles hábitos seculares não tivessem bunda. E eu fico imaginando se retirássemos desta imagem as mulheres vestidas nos seus biquínis e as freiras vestidas nos seus hábitos. Teríamos apenas uma imensidão de areia e água. E a imagem se tornaria muito mais natural e perderia toda a sua conotação contraditória. Ou seja, parece-me que o problema encontra-se não na natureza, e sim, na humanidade. E isso só me revela a grande distância entre os seres humanos que preferem se esconder por trás dos seus dogmas, dificultando imensamente a possibilidade de comunicação e diálogo fraterno na busca de um mundo mais natural. Falta-nos humildade e empatia. Precisamos urgentemente aprender a nos colocar no lugar do outro pra tentar compreender a importância de sermos solidários (mesmo no dissenso). Não consigo compreender por que, em um momento onde os avanços tecnológicos são tão significativos a ponto de nos colocar virtualmente conectados ao mundo 24 horas por dia e, ainda assim, nos encontrarmos tão solitários. Parece-me que vivemos todos num mundo virtual (fugindo de nós mesmos). Por que esse imenso medo de nos conhecermos? O encontro consigo mesmo realmente mete medo porque neste encontro, não é permitido subterfúgios e temos que ter a responsabilidade de nos assumirmos concretamente. E isto é doloroso. Quase como um parto. Precisamos de coragem pra nos assumirmos. Não tenho uma resposta pronta para o título que dei a este tema, porém, acredito que, se todos nos desnudássemos dos nossos hábitos e dos nossos biquínis e perdéssemos o medo que temos de nos encontrarmos conosco mesmo diante do espelho, quem sabe seria mais fácil uma comunicação fraterna real. Talvez, assim, não seria mais necessário nos escondermos virtualmente nas redes sociais, tentando passar uma imagem do que não somos.